



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Um ambiente favorecedor de experiências tranquilas e de qualidade: Relato de experiência sensorial com sagu em uma turma de bebês de um ano.
Autores	DEISE BRUNA MASSENA LEITE SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA

Este trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio docente em uma creche pública de Porto Alegre, em uma turma de Maternalzinho, constituída de 16 crianças na faixa etária entre um a dois anos, e a equipe de trabalho formada por quatro docentes titulares e eu como estagiária. Algo que se sobressaiu nesta prática foi a resistência das crianças em torno das propostas que envolvem a exploração de materiais que “sujam”, em tocarem e explorarem tinta, farinha, argila, etc. Sendo necessário esforço e insistência das professoras para mostrar que poderia ser uma boa experiência. Também percebeu-se que há resistência das próprias famílias atualmente em relação a esta possibilidade em “estar sujo”. Sendo que ao arrastar-se, engatinhar, comer sozinho, a criança está descobrindo um mundo de possibilidades e isso faz com que seja necessário este contato com “o sujar-se”. Por este motivo é necessário que os adultos envolvidos reflitam sobre as concepções de sujeira. Uma vez que, geralmente os momentos de usar materiais como os já supracitados são relacionados à sujeira e há muitas vezes tentativas dos adultos em conterem e limitarem as explorações das crianças a fim de evitar que se sujem. No decorrer de minha experiência anterior como educadora na Educação Infantil já notei que tais explorações também deixam os próprios educadores desconfortáveis, por mais que sejam a favor destas propostas e saibam da importância delas para o desenvolvimento infantil. Muitas vezes, a falta de recursos (neste caso, tanto humanos quanto estruturais) faz que os momentos de interações com as artes, por exemplo, seja um momento de “estresse” para os educadores, que muitas vezes não tem uma torneira por perto, um ambiente que facilite este tipo de atividade assim como auxílio suficiente de outros adultos o que leva a um certo “tumulto” na aula. Cada vez mais, percebo a necessidade de planejar bem estes momentos, um dia que se tenha tempo, auxílio, os materiais necessários e uma forma de limpeza facilitada, para que a experiência seja prazerosa para todos os envolvidos e assim os educadores consigam atender as demandas das crianças observando as descobertas delas enquanto a proposta é desenvolvida. No decorrer dos meus estudos durante esta prática docente com os bebês, dentro da proposta de desafiar os alunos em experiências de ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, iniciando o contato com formas diversas de exploração artística. Foram planejadas situações em que as crianças puderam manusear variados suportes e explorá-los livremente como: uma atividade utilizando areia colorida com grude, em que as crianças perceberam que a areia escorre entre os dedos tanto seca quanto molhada no grude, sendo assim eles apertavam a areia para vê-la sair entre os dedos. A argila foi utilizada tanto mais firme para amassar como mais dissolvida para pintar superfície de papelão ondulado com ferramentas como rolos e pincéis, além das mãos. Também tiveram experiência com tinta caseira. Em uma trilha de sensações os materiais (secos e molhados) eram explorados com os pés. A proposta que foi a preferida das crianças em geral foi realizada com exploração sensorial do sagu colorido e aromatizado com cravo e canela. A reação delas foi muito positiva, coloquei o sagu na mesa (um pouco para cada uma) e com as cores separadas, logo elas foram pondo os dedinhos, depois espalhando com as mãos, separando as bolinhas, e os minutos foram se passando e ninguém aceitava sair da brincadeira para outros colegas brincarem, então resolvi chamar todos para brincarem juntos. Todos aceitaram muito bem a proposta, riram, usaram até os paus de canela como instrumentos para brincar com o sagu. Aos poucos alguns foram descobrindo que o sagu poderia escorrer pelo plástico e cair no chão, e na cadeira... não se escutava choro ou brigas, apenas um silêncio concentrado e algumas risadas desencadeadoras de mais risadas! Ficaram quase uma hora brincando alegres, e ao final tinha sagu espalhado pela mesa, pela roupa, chão, cadeiras, paredes, cortinas, rosto, cabelo, até dentro da fralda! De acordo com Cunha (2012) *“Além da descoberta espacial, há um desejo muito grande de exploração dos materiais pelas crianças. É uma fase em que tudo vira uma meleca, em que a mão desliza nas superfícies convencionais, nas roupas e no corpo”*. Considero que essas propostas sensoriais, especialmente a do sagu ocorreram de forma tranquila, pois eu tive tempo para interagir com cada um e com o grupo como um todo, um espaço separado da área de brincadeiras e convivência, torneiras na sala e pessoas para me ajudar na limpeza. Por isso, concordo com Cunha (2001), que deve-se planejar a proposta levando em consideração a organização do espaço físico “para suportar o inevitável e necessário caos”, compreendendo e respeitando as crianças no seu sentir, no seu ritmo, possibilitando as mais variadas explorações expressivas. Ou seja, o tempo e o espaço para propostas deste tipo devem ser bem planejadas, antes, durante e depois, facilitando a reorganização da turma e incentivando a cooperação entre as crianças nestes momentos também. No caso dos bebês isso se torna mais difícil, porque eles ainda não tem esta noção de organização e cooperação definida. Por isso as professoras devem estar ainda mais conscientes do que devem fazer para reorganizar o ambiente e usar estas oportunidades para ir desenvolvendo com as crianças esta ideia de reorganização. Isso não quer dizer que sem essas condições não seja possível fazer tais propostas, mas um ambiente facilitador auxilia e enriquece as experiências das crianças que podem ser realizadas com mais tranquilidade e qualidade.